

PROFESSOR OU INTÉRPRETE? REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DO TILS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS DA ESCOLA REGULAR

Elisama Rode Boeira Suzana
Universidade Federal do Rio grande do Sul
elisama_libras@hotmail.com

Introdução

Este trabalho trata-se de um ensaio que explana a figura do Tradutor/Intérprete da Língua de Sinais (Tils) no contexto educacional inclusivo. Tendo em vista que este profissional é uma figura recente na escola, seu trabalho provoca tensão e dúvidas que gera discussão sobre sua função e terminologia. Algumas redes de ensino o chamam de intérprete de Libras, outras de professor-intérprete, e ainda as que o denominam de professor bilíngue.

Para tornar possível este estudo, se fará um diálogo com alguns pesquisadores contemporâneos que abordam a temática do tradutor/intérprete, e refletem sobre sua atuação na sala de aula. São eles: Quadros (2004), Pedroso (2006), Marinho (2007), Costa (2008), Tuxi (2009), Lacerda (2009), Miranda (2010), Araújo (2011), Xavier (2012), Oliveira

(2012) e Guimarães (2012). Estes autores trazem diferentes terminologias e perspectivas para o trabalho deste profissional.

Aos que defendem nomeá-lo de professor-intérprete ou professor bilíngue atestam que o Tils extrapola a função de interpretar na sala de aula, e frequentemente circula entre o campo tradutório e o campo pedagógico. Por outro lado os que o nomeiam de intérprete de Libras fazem críticas à falta de formação específica que resulta em falhas e desacertos éticos e tradutórios.

Ao perceber estas diferenças de terminologias e a confusão no exercício do Tils na escola, me interessou saber o que os autores têm a dizer sobre este personagem, e refletir como a pesquisa científica tem contribuído para a realização de um novo fazer pedagógico.

Professor ou intérprete? Afinal... Quem são estes profissionais?

Ao realizar as leituras das análises que tem como temática o intérprete de Libras na escola regular, percebo uma preocupação dos autores em tentar definir o perfil deste profissional. Como devem ser suas nomenclaturas, como registrá-los nos documentos orientadores e de que forma inseri-los no sistema escolar.

Determinadas redes de ensino o definiram como intérprete, outras professor-intérprete e ainda vimos a definição de professor bilíngue. Tuxi (2009) realizou uma pesquisa que abordou este tema, e destaca a sugestão de um coordenador em sua entrevista, que sugere mudar a nomenclatura Tils dos documentos e bibliografias para “professor-intérprete” principalmente no ensino fundamental. O entrevistado justifica que a atuação deles ultrapassa a de interpretar, que ele adentra o campo pedagógico e por isso nomenclatura sugerida teria mais proximidade com o seu desempenho na sala de aula.

No entanto, Quadros (2004) define a figura de tradutor intérprete de Língua de Sinais como “o profissional que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete. No Brasil, o intérprete deve dominar a língua brasileira de sinais e língua portuguesa” (QUADROS 2004, p.27).

Ainda que se predomine a definição de Quadros, é notória a diversidade da nomenclatura dada a este profissional, e esta diferença de perfil ultrapassa o território brasileiro. Lacerda (2009a) diz que em outros países é diferenciado o intérprete geral com o intérprete educacional, na Itália, por exemplo, o profissional que atua na sala de aula é denominado de Assistente de Comunicação, pois se entende que naquele espaço o intérprete "também se envolverá de alguma maneira com as práticas educacionais, constituindo aspectos singulares a sua forma de atuação [...] (LACERDA, 2009a, p.33).

No Brasil, a disparidade no perfil do intérprete tem uma justificativa, ele é uma figura nova na escola, e está em processo de formação. Mesmo que os documentos orientadores no Ministério da Educação o definam como intérprete, sua prática no dia a dia o define como professor. Por isso são necessários debates e discussões sobre o seu trabalho, para obter avanços significativos no que diz respeito à sua atuação na sala de aula.

Da sua atuação na sala de aula

De acordo com os documentos que norteiam a Educação Especial, a função deste profissional se resume unicamente em mediar à comunicação na sala de aula. No entanto esta recomendação se contradiz com os resultados das pesquisas dos Programas de Pós-Graduação, pois de acordo com elas, no cotidiano escolar o Tils excede sua função de interpretar e circula frequentemente do campo de tradução para o campo pedagógico.

Quadros (2004), Pedroso (2006), Costa (2008), Miranda (2010), Araújo (2011), Oliveira (2012) e Guimarães (2012) são unânimes em afirmar um ponto importante. Para que de fato a sua função seja instituída é necessário que a escola entenda o real papel deste personagem. Precisa ficar esclarecido para toda a equipe pedagógica quem é este personagem, e o que exatamente ele faz, quais são os limites da sua atuação, seus direitos e deveres, pois muitos confundem o trabalho do Tils com a do professor e chegam a chamá-lo como tal.

Tuxi (2009) e Xavier (2012) encontraram em suas pesquisas de campo, intérpretes e professores que trabalhavam no regime de co-docência, e chegam a refletir que talvez

seja uma das alternativas para amenizar este conflito. Justificam que nas séries iniciais o papel do intérprete é muito confundido, diferente do ensino médio, superior e profissionalizante onde os surdos são adultos.

No ensino fundamental a própria criança surda tem dificuldade de se adaptar com os dois profissionais ao mesmo tempo. De acordo com Skliar (2001), 95% das crianças surdas são filhas de pais ouvintes e por isso chegam à escola sem dominarem língua de sinais. Sendo assim as próprias crianças não conseguem fazer a separação entre as funções e na grande maioria se apegam no intérprete que é o profissional que está mais próximo dela.

Por mais que o intérprete tenha a formação específica e saiba que sua função é apenas mediar à comunicação não se pode negar que seu trabalho na sala de aula é complexo. Diariamente ele precisa adotar uma postura de ser apenas o canal de passagem de uma língua para a outra. Para isso deve ter em mente que não é responsável pelo aprendizado do aluno e no momento que este se dirigir com uma dúvida, uma pergunta, ou pedindo uma orientação precisa chamar o professor para respondê-la. Mas será que isto é possível? Se o intérprete se sentir capacitado para orientar é cabível que chame o professor?

Marinho (2007) destaca que a postura adotada pelo intérprete muitas vezes não é uma decisão de cunho pessoal, mas exigida na circunstância em que se encontra. No momento que o intérprete percebe uma necessidade do surdo ou dificuldade na aprendizagem começa a agir como facilitador na comunicação e no ensino.

De fato a tarefa do intérprete é extremamente complexa e sem dúvidas sua presença no campo educacional e suas práticas merecem nossa atenção. As reflexões e análises aqui apresentadas tornam-se necessárias para o avanço da educação de surdos, eficácia na formação e valorização deste profissional.

Conclusão

Diante de todo o material teórico apresentado neste ensaio percebe-se nos pesquisadores e autores uma unanimidade na preocupação para a melhoria deste espaço. E respondem a nossa pergunta, afirmando que o intérprete que atua na escola regular ainda ocupa um importante espaço pedagógico no ensino dos surdos, ou seja, ele ainda exercita a função do professor. Entende-se que a lacuna que existe entre os documentos orientadores e sua atuação é algo justificado por ser uma profissão recentemente reconhecida no Brasil.

Sem dúvida a pesquisa científica vêm contribuindo para as reflexões sobre o Tils e sua atuação na Educação de surdos. Este campo ainda requer muito trabalho, organização, projetos e decisões que vão além da sala de aula. Vitais para o bom andamento de uma escola com perspectivas inclusivas.

Referências

ARAÚJO, Joelma Remigio de. **O Papel o Intérprete de Libras no Contexto da Educação Inclusiva: Problematizando a Política e a Prática**. Paraíba, UFPB, 2011.122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, 2011.

COSTA, Karla Patrícia Ramos da. **O texto do intérprete de libras no contexto do bilíngüismo e o pretexto da inclusão**. Pernambuco: UNICAP, 2008. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem)- Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Faculdade da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco, 2008.

GUIMARÃES Sandra Oliveira. **A função do intérprete da língua de Sinais em sala de aula no ensino regular**. Maringá: UEM, 2012.116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro e Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá. Maringá 2012.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**, 1ª edição. Porto Alegre: Mediação/ FAPESP, 2009a.

_____. **O intérprete educacional de língua de sinais no Ensino Fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades**. In: LODI, Ana Claudia Balieiro;

HARRISON, Kathryn Marie Pacheco, CAMPOS, Sandra Regina Leite de (org.). Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2009b.

MARINHO, Margot Latt. **O ensino de biologia: O intérprete e a geração de sinais.** Brasília: UNB, 2007. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2007.

MIRANDA, Garcia Dayse. **As mediações lingüísticas do intérprete de língua de sinais na sala de aula inclusiva.** Belo Horizonte: UFMG, 2010. 194 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e inclusão social em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte 2010.

OLIVEIRA, Walquíria Dutra de. **Estudos sobre a relação entre intérprete de libras e o Professor: implicações para o ensino de ciências.** Goiania: UFG, 2012. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Programa de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

PEDROSO, Cristina Cinto Araújo. **O aluno surdo no ensino médio da escola pública: o professor fluente em libras atuando como intérprete.** Araraquara: UNESP, 2006. 210 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Programa de Pós- Graduação em Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e Língua Portuguesa.** Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC ;SEESP, 2004.

SKLIAR, C. (Org.). **Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial.** 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001

TUXI, Patrícia. **A Atuação do Intérprete Educacional no Ensino Fundamental.** Brasília: UNB, 2009.83 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2009.

XAVIER, S Keli Simões. **O lugar do intérprete educacional nos processos de escolarização do aluno surdo.** Vitória: UFES, 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória 2012.